

RELIGIÕES, SUAS IMAGENS, PERFORMANCES E RITUAIS

DOI

10.11606/issn.2525-3123.
gis.2022.199261

ORCID

<http://orcid.org/0000-0003-0064-5995>

ORCID

<http://orcid.org/0000-0003-1516-0683>

ORCID

<http://orcid.org/0000-0002-6262-2716>

FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA¹

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil, 1404-901 –
psicologia@ffclrp.usp.br

RUBENS ALVES DA SILVA

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil,
31270-901 – ppgci@eci.ufmg.br

PEDRO SIMONARD

Centro Universitário Tiradentes, Maceió, AL, Brasil, 57038-100 –
sotep@al.unit.br

RESUMO

Instigados pelos saberes religiosos inteligíveis e sensíveis das religiões tradicionais e das diversas formas de pertencimento espiritual que escapam à estrutura formal religiosa, mas que conectam o ser humano com aquilo que ele chama de sagrado, buscamos construir neste dossiê um mapa das representações que perpassam suas imagens e performances, que evidenciam rituais e pertencimentos sagrados. As formas expressivas ganham nuances diferenciadas em espaços religiosos, tendo em vista determinadas restrições, o que faz com que o pesquisador tenha que lançar mão de estratégias estéticas e de pesquisas diferenciadas para compor seu universo imagético e performático. Este dossiê permeia o universo simbólico dos rituais religiosos, as digressões entre religião e política, as expressões de decolonialidade, o corpo entregue à devoção e outras análises que envolvem discussões sobre expressões sensíveis por meio de imagens e performances.

PALAVRAS-CHAVE

Religião; Imagem;
Performance;
Fotografia; Ritual.

1. Bolsista de produtividade do CNPq.

ABSTRACT

Instigated by the intelligible and sensitive religious knowledge of traditional religions and the various forms of spiritual belonging that escape the formal religious structure, but connect humans with what they call sacred, in this dossier we seek to build a map of the representations that permeate their images and their performances that show rituals and sacred belongings. The expressive forms gain different nuances in religious spaces, once there are certain restrictions, leading the researcher to make use of a different aesthetic and research strategy to compose his imagetic and performative universe. This dossier permeates the symbolic universe of religious rituals, digressions between religion and politics, expressions of decoloniality, the surrender of the body to devotion and other analyzes that involve discussions about sensitive expressions through images and performances.

KEYWORDS

Religion; Image;
Performance;
Photography;
Ritual.

In memoriam de Patrícia Monte-Mór²

Participar deste dossiê como coordenadores foi realizar um grande *potlatch*, um verdadeiro *ensaio sobre a dádiva* de produzir conhecimento científico em meio à desesperança de anos pandêmicos. Nosso projeto era trazer para *GIS* textos, imagens, sons etc. do universo religioso que dialogassem teórico-metodologicamente com a proposta da revista. Fomos surpreendidos de modo positivo com a profusão de trabalhos enriquecedores e tivemos que selecionar os que dialogavam mais de perto com o campo em destaque. Deste *potlatch*, muitos *mana e hau* foram produzidos. Os artigos selecionados para publicação neste dossiê discutem temas relacionados a aspectos da dinâmica cultural e reconfiguração do campo religioso, a partir da exploração dos *registros informacionais* (audiovisual, fotografia e literatura), submetidos ao processo de análise e interpretação reflexiva em afinidade com a perspectiva dialógica da Antropologia e com os estudos da performance, imagens e rituais. Este dossiê é um conjunto de trabalhos expressivos de um deslocamento do olhar para religiões, rituais, movimentos alternativos e personagens carismáticas, com atenção voltada especialmente para a experiência com o sagrado, que leva em consideração não apenas os aspectos simbólicos, mas também o estético e político (disputas e negociações por espaço, poder e pela legitimidade social em questão). Portanto, na tessitura de um instigante diálogo entre os campos da *Antropologia visual/ da imagem* e *Antropologia da performance/experiência* é que se insere este dossiê.

O campo da Antropologia visual/da imagem no Brasil começou a ser formado em 1988 por Ana Maria Galano, na Universidade Federal do Rio de

2. Patrícia Monte-Mór, mais uma vítima do Covid-19, nos deixou órfãos de criatividade. Neste dossiê, em que religião e as formas expressivas caminham juntas, gostaríamos de saudá-la com todos os santos e orixás.

Janeiro (UFRJ), com a criação do Núcleo Audiovisual de Documentação (Navedoc). O Navedoc encabeçou a produção científica no projeto “Fotografando a Moradia Popular”. Pedro Simonard, um dos coordenadores deste dossiê, participou do processo de criação do Navedoc e da produção de seu primeiro produto, o documentário *Oxalá Jesus Cristo*, em 1988, bem como dirigiu, em 1993, o documentário *E por aqui vou ficando*³. No curso de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP), a formação deste campo parte da primeira disciplina ministrada pela professora Sylvia Caiuby Novaes, em 1993, que originou, por conseguinte, o Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA) e posteriormente, entre 1995 e 1996, o Grupo de Antropologia Visual (GRAVI), contribuindo assim na formação de vários especialistas no campo da Antropologia Visual e, posteriormente, da própria revista *GIS*.

Existem vários e potentes grupos de pesquisa nesta área no Brasil, mas cabe aqui chamar atenção para o fato de que a nossa geração se beneficiou com a criação da revista *Cadernos de Antropologia e Imagem*, coordenada por Clarice Peixoto e Patrícia Monte-Mór (1998), visto que foi a primeira revista sobre imagem e antropologia visual do Brasil surgida em 1995. As primeiras traduções que nos beneficiaram para constituição desse campo advêm dessa revista. Importante lembrar dos números temáticos entre os quais encontramos um sobre religião. O número 7 da *Cadernos de Antropologia e Imagem – Imagens da Religião* foi dedicado à temática religiosa, uma bela coincidência com o nosso dossiê, que também faz parte do número 7 da *GIS*, número cabalístico associado à religiosidade/espiritualidade. O *Imagens da Religião* já trazia discussões sobre igrejas cristãs, mídia, TV, cinema e fotografia, temas que também encontramos neste dossiê, mas de forma mais ampliada, visto que as discussões sobre religiões e performance também ganharam peso nos últimos anos.

Quando olhamos para a abordagem da performance no campo das ciências sociais no Brasil, percebemos um reforço significativo, e estimulado, principalmente pela mobilização, a partir dos anos 2000, do debate em torno do tema, promovido no contexto de eventos nacionais e internacionais da área pelo Núcleo de Antropologia da Performance e do Drama da USP (Napedra)⁴ – coordenado por John Dawsey.

Os principais teóricos de referência dos estudos da performance são, reconhecidamente, Richard Schechner (1988) e Victor Turner (1982; 1986). Schechner argumenta que performance é “comportamento restaurado” e “restauração do comportamento”, expressões que ele elaborou para descrever o processo característico das práticas culturais, como o teatro,

3. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BZmITZSS_n4. Acesso em: 29 jun. 2022.

4. O Napedra surgiu a partir da disciplina Paradigmas do teatro em antropologia, introduzida por John Dawsey na USP. Os coordenadores deste dossiê, Francirosy Campos Barbosa e Rubens Alves da Silva, são integrantes da primeira geração do grupo.

observando que “comportamento de performance não é livre e nem fácil” (Schechner 1988, 118), pois exige do performer a rigorosa aprendizagem de técnicas corporais e dedicação intensiva a treinos e ensaios, além dos processos psicológicos e psíquicos implicados na *práxis* performática. Nesse sentido, a performance é a restauração de comportamentos aprendidos por meio da transmissão oral, mimese e práticas de acordo com “roteiros pré-estabelecidos”; portanto, performance é uma “repetição” criativa e reflexiva de modelos culturais.

A noção de performance em Schechner afasta-se da ideia da polaridade entre ritual e espetáculo, evidenciada nos registros clássicos da cultura, também insinuante nas reflexões de Turner (1982) sobre performance. A partir de pesquisas em escala mundial sobre tipos de teatro e a interlocução com Turner sobre eventos rituais, repensados como variação de gêneros e performance, Schechner (1988, 116) argumenta que performances se configuram “num movimento contínuo e pendular entre eficácia e entretenimento”. Nessa compreensão, o teatro pode virar ritual e vice-versa, pois ambos são restaurações de comportamentos.

No registro de Turner (1986), performance está associada à noção de “experiência”. Esse termo que ele introduz faz referência às reflexões do filósofo alemão Dewey Dilthey sobre a experiência com efeito marcante e profundo na vida da pessoa. Esta é compartilhada com os outros em momentos e espaços propícios de expressão. Performance, portanto, é a forma de comunicação de uma experiência que, nesse contexto, estimula processos de reflexão e reflexividade que tendem a produzir o significado e o sentido comuns de uma experiência coletivizada.

É possível falar de religião a partir de perspectivas teóricas e metodológicas diversas. Assim, é ao pensar a religião como performance que se chama atenção para as formas expressivas presentes, isto é, imagem, performance, som e literatura, que potencializam as discussões propostas. Notadamente, a influência dos estudos da performance no registro de Schechner e Turner está presente na maior parte dos artigos que constituem este dossiê, mas alguns também trazem o cruzamento do uso da imagem para pensar as performances construídas, sendo esses de autoria dos pesquisadores Adriano Godoy, Alexsânder Elias, Ana Molina, Arilson Paganus, Beatriz Parisi, Díjna Torres, Fernanda Rechenberg, Felipe Candido, Felipe Araujo, Flávio Rodrigues, Frederico do Vale, Daniela Santos, Giovanni Cirino, Yuri Prado, Rafael Barboza, Nathalie Hornhardt e Marcus Vinicius. Nos artigos de Elizabeth Perry e Fabio Scorsolini-Comin estão presentes a oralidade e o corpo, as discussões se aproximam de Paul Zumthor (2001), Walter Ong (1998) e Thomas Csordas (2008). Eliathan Carvalho Leite nos insere em um universo pouco conhecido dos aspectos poéticos-literários de textos litúrgicos: a poesia hebraico-bíblica. Por último, a discussão

da estética e das mídias com Marcus Barreto, Grazielle Acçolini, Rafael Barboza e Vitor Miranda Ciochetti propõem uma reflexão de abrangência teórica, de modo bem singular e instigante.

Cabe ressaltar que estes autores oferecem um panorama da diversidade de religiões que configura o campo brasileiro. Demonstrando que afro-brasileira, cristianismo, rastafari, budismo, judaísmo, islam, hare krishna e expressões das religiosidades populares compõem também esse universo. Questões que envolvem a mídia, espetacularização das religiões, música, formas de expressão corporal, ritual e desenhos produzidos nos rituais preenchem esse universo religioso de cores e formas de pertencimento.

Em complemento aos artigos, este dossiê possui uma seção com ensaios que utilizam imagens em seus diversos tipos e formatos, problematizando-as a partir de seus temas, bem como de suas bases materiais, como a fotografia e a pintura. Assim, no ensaio *A quilombola e o vaqueiro*, Felipe de Oliveira Maciel e Marivaldo Aparecido de Carvalho analisam a pintura óleo sobre tela denominada *A quilombola e o vaqueiro*, juntamente com um poema, ambos de autoria de Felipe de Oliveira Maciel. O autor produziu estas obras durante o trabalho de campo que realizou para a pesquisa *O processo de identidade das comunidades quilombolas de Peçanha, Minas Gerais: história oral, cultura e etnicidade*.

Em *Fé, vida e morte: representações imagéticas de uma América Espanhola crente*, Jacson Gros faz uma incursão pelo Cemeterio Presbítero Matías Maestro, localizado em Lima, capital do Peru, no começo da pandemia de Covid-19, em 2020. Sua lente passeia pelo corredor dos suicidas, pelo túmulo do menino a quem atribuem-se poderes paranormais e pelos túmulos de bruxas, visitados por pessoas que solicitam a realização de desejos variados. Nesse cemitério são realizados rituais noturnos que, apesar de proibidos, não são coibidos. O sincretismo religioso está presente nos diferentes usos que os visitantes fazem dos túmulos do espaço sagrado.

Os desfiles da escola de samba Estação Primeira de Mangueira na Marquês de Sapucaí são objetos de estudo do ensaio *Imagens da religião em um carnaval da Mangueira* no qual Renata de Castro Menezes e Edilson Pereira abordam as relações entre carnaval e religião nos recentes desfiles desta escola de samba. Os autores concentram sua abordagem principalmente nas etapas que antecedem a entrada da escola na avenida, sobretudo o que ocorre no barracão e na concentração. Desta maneira, buscam criar um contraponto com as imagens do desfile, clímax da apresentação e largamente difundidas pelas mídias comerciais. Para isso, analisam as imagens e performances “da religião” e como estas se articulam e aparecem em um espetáculo reconhecido como profano.

Paula Pflüger Zanardi nos apresenta uma visão dos terreiros de Jarê, no município de Lençóis, na Bahia. Seu ensaio, *Os terreiro de Jarê de Lençóis-BA*, investiga as memórias reproduzidas durante as cerimônias. As fotografias procuram enaltecer as lideranças religiosas locais, valorizando os enfeites dos *pejis* e o cuidado com a estética presente nos Jarês, mostrada por meio das cores utilizadas nas cerimônias e do esmero na elaboração e confecção das indumentárias próprias dessa religião.

O ensaio “*Da cidade às montanhas*”: *experiências de deslocamentos, reencontros na celebração do Dia dos Mortos em Bobonaro, Timor-Leste*, de Renata Nogueira da Silva e Carlos André Oviedo, também aborda um tema internacional: a importância do culto aos ancestrais, tal como se apresenta na celebração do Dia dos Mortos na Casa Sagrada Dom Cailito, no município de Bobonaro, no Timor-Leste. No feriado do Dia dos Mortos, os residentes da capital timorense retornam as suas *uma lulik* (casas sagradas) em seus municípios de origem ou de origem de suas famílias. Nesses locais, que são repositórios de memória material e imaterial, se entregam a celebrações coletivas em que reproduzem narrativas de origem.

Axé, é o que é explora a religiosidade no Ilê Axé Idá Wura, no qual a autora, Ana Clara Sousa Damásio dos Santos, imagina sua feitura no santo durante uma viagem sentimental. A partir dela, a autora produziu um ensaio-desenhado composto por dez desenhos com os quais ela nos faz um “convite para conhecer mundos vividos”, um “convite para imaginar não apenas Orixás, mas para vislumbrar o que quer que eles possam dizer e comunicar”. O ensaio explora uma técnica – o desenho –, cada vez mais comum nas etnografias contemporâneas.

O cenário cigano no Rio de Janeiro é analisado no ensaio *Optcha! Cigano não é religião? Uma análise da atuação, performance e rituais entre ciganos na cidade do Rio de Janeiro*, de Cleiton M. Maia. Nele, o autor investiga situações sociais observáveis durante os rituais Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, e a comemoração do Dia Nacional do Cigano e de Santa Sara Kali. Estes rituais apresentam expressões cívicas, religiosas e culturais ciganas que são expostas nas fotografias que compõem o ensaio.

As fotografias rituais junto ao povo Huni Kuin é o que Bárbara Milano nos apresenta com seu ensaio *Fotografia ritual: uma experiência com o povo Huni Kuin*. O ritual fotografado utiliza o rapé, a sananga e a ayahuasca, ervas utilizadas pelos membros da comunidade para entrar em contato com os seres encantados. Este contato se caracteriza como base da experiência vivencial dos Huni Kuin. As fotografias registraram o preparo ritual do rapé e a pintura de grafismos, feitos exclusivamente pelas mulheres.

O preparo das ervas e a pintura dos grafismos nos corpos são etapas do rito feito com as ervas.

Consideramos que estes ensaios contribuem para reafirmar o que já vem sendo demonstrado por diversas publicações a importância da noção de performance para se pensar sobre o campo religioso. Consoante com o que é evidenciado pelos pensadores da performance nas Ciências Sociais, a introdução dessa abordagem epistêmica nos estudos da religião consiste num enquadramento para além dos aspectos rituais e simbólicos, uma vez que é ampliado com atenção, também, para os aspectos estéticos, contextuais, motivacionais e dialógicos culturais que tendem a implicar um processo dinâmico de atualização e configuração do campo da religião. Portanto, leva-se em conta a complexidade desse campo enquanto “espaço social” em que as tensões e os conflitos das relações que envolvem agentes e instituições giram em torno de disputas e negociações pelo monopólio do sagrado, da afirmação ou reafirmação da legitimidade social de práticas e crenças religiosas. Estas, ao que parece, são as questões de fundo que atravessam a discussão dos autores deste dossiê sob a ótica da abordagem da performance.

O universo religioso é permeado por aquilo que Taussig (1993, 13) definiu como faculdade mimética, que é

[...] a natureza que a cultura usa para criar uma segunda natureza, a faculdade de copiar, imitar, criar modelos, explorar diferenças, entregar-se e tornar-se Outro. A magia da mimesis está no ato de desenhar e copiar a qualidade e poder do original, a tal ponto que a representação pode até mesmo assumir aquela qualidade e poder [...].

A mimesis contribui substancialmente para a transmissão de comportamentos religiosos e para a reificação da corporeidade, pois toda ação religiosa perpassa o corpo, a oralidade e as vestimentas, produzindo performances e, por conseguinte, imagens que potencializam o vivido.

Por fim, é importante destacar que o material aqui publicado contempla pesquisadores de diferentes centros de pesquisa e universidades brasileiras, o que propicia ao leitor o contato com temas diversificados, como rituais quilombola, indígena, cigano, carnaval, jarê, do Dia dos Mortos e do candomblé. Desta maneira, os artigos e ensaios têm uma abordagem reflexiva que evidencia as interseções entre religião, imagens, performances e rituais, configurando, portanto, um mapa de representações do universo de significantes do religioso e suas expressões de decolonialidade.

REFERÊNCIAS

- Csordas, Thomas. 2008. *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Ong, Walter. 1998. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra*. Campinas: Papirus.
- Peixoto, Clarice Ehlers e Patrícia Monte-Mór. 1998. Editorial. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, vol. 7, n. 2: 11-14. Rio de Janeiro, UERJ.
- Schechner, Richard. 1988. *Performance theory*. New York na London: Routledge.
- Taussig, Michael. 1993. *Mimesis and alterity: a particular history of the senses*. London: Routledge.
- Turner, Victor. 1982. *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ Publications.
- Turner, Victor. 1986. Dewey, Dilthey, and drama: an essay in the anthropology of experience. In *Anthropology of experience*. Urbana, Chicago: University of Illinois Press.
- Zumthor, Paul. 2001. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras.

FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA é antropóloga, docente associada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) e pós-doutora pela Universidade de Oxford. É Coordenadora do Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes (Gracias), autora do livro *Hajja, Hajja – a experiência de peregrinar* (2021), entre outros; diretora do documento *Allah, Oxalá na trilha Malê* (2015), entre outros disponíveis na plataforma Vimeo. E-mail: franci@ffclrp.usp.br

RUBENS ALVES DA SILVA é antropólogo, docente associado ao Departamento de Teoria e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação (DTGI-ECI) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCI-UFGM). Doutor em Antropologia Social (com pós-doutorado); coordenador do Núcleo de Estudos sobre Performance, Patrimônio e Mediações Culturais (NEPPAMCS) da UFGM. Autor dos livros *A atualização de tradições: performances e narrativas afro-brasileiras* (2012), *Negros católicos ou catolicismo negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no congado mineiro* (2010), entre várias outras publicações – coletâneas, artigos e capítulos de livro. E-mail: rubssilva@gmail.com

PEDRO SIMONARD é antropólogo e documentarista, professor do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), pós-doutor em Antropologia pela Université Laval, Quebec, Canadá, autor dos livros *A geração do Cinema Novo: para uma antropologia do Cinema*, *No rastro do Cinema Novo*, *A construção da tradição no Jongo da Serrinha: uma etnografia visual do seu processo de espetacularização* (2006), entre outros, e diretor dos documentários *Salve jongo!*, *Eu venho de longe* e *Resistir* (2005), entre outros. E-mail: pedrosimonard@gmail.com.

Contribuição de autoria. Francirosy Campos Barbosa, Rubens Alves da Silva e Pedro Simonard: concepção, coleta e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação e discussão de resultados.

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.